



© Ana Mitsusaki

LAÍS, A FOFINHA

Walcyr Carrasco

Resenha

O confronto entre a imagem que fazemos de nós mesmos e aquela que identificamos no olhar do outro pode ser bastante dolorido. De fato, é muito difícil, senão impossível, não se abalar diante de críticas e julgamentos recebidos, especialmente na fragilidade da infância.

Em *Laís, a fofinha*, somos convidados a conhecer uma garota que não se encaixa nos modelos de beleza que a sociedade cruelmente parece exigir: Laís está um pouco acima do peso. Para complicar ainda mais, sua condição física não está associada a maus hábitos alimentares, mas deriva principalmente de herança genética, todos em sua família são um pouco “gordinhos”.

O corpo de Laís, entretanto, nunca havia lhe causado desconforto até o dia em que ela muda de cidade e de colégio. Na capital carioca, ela rapidamente vira alvo de piadinhas, preconceitos e apelidos maliciosos, desde um supostamente carinhoso “fofinha” até os agressivos “baleia” e “bolota”. Entristecida, Laís não sabe ao certo como lidar com a situação e, em vez de procurar ajuda, termina por se isolar em silêncio. O mal-estar da menina aumenta quando a notícia de uma audição para um papel infantil na novela causa reboiço no colégio. O que ninguém sabia é que, assim como algumas garotas magras de sua idade, Laís também aspirava se tornar atriz. Mas com a autoestima tão abalada, ela se vê prestes a desistir de seu sonho...



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Através desse mote, Walcyr Carrasco constrói uma narrativa bastante interessante aos leitores de hoje em dia. Em uma época em que a imagem parece ser mais valorizada do que a realidade, seja através da mídia ou das redes sociais, abordar as consequências que a pressão pelo ideal pode gerar no cotidiano e nas reflexões de uma criança é de grande pertinência. Porém, mais do que trazer luz ao tema, identificando um problema, o autor também aponta para alguns caminhos de solução. Na companhia de Laís, será possível compreender como a comunicação pode nos conduzir à aceitação e, por consequência, a uma vida mais plena e feliz.

Afinal, somos todos únicos e diferentes. Ignorar essa diversidade em prol de um padrão pode ser mais nocivo do que imaginamos. Aceitá-la e abraçá-la, ao contrário, pode ser libertador.

Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe de Marcelo e Patrícia

Desde que eram bebês, sempre chamei meus filhos de fofinhos, usando a palavra com um sentido 100% elogioso. Portanto, pelo título da obra e observando a capa, eles jamais imaginariam do que trataria o livro *Laís, a fofinha*. Não suspeitaram que ser “fofinha” seria um problema para alguém.

Eles presenciam em casa certas preocupações com o peso, porque o pai vive em briga contra a balança. Mas, como protegemos os pequenos de algumas conversas, eles não tinham ouvido falar de “regime”, nem de “plástica” – tive de explicar o significado dessas duas palavras. Sei que não dá para esconder partes ruins do mundo para sempre, por isso achei ótimo que a primeira vez que ouviram tenha sido num contexto lúdico e problematizador.

A associação entre beleza e magreza já está presente na vida deles. Recentemente, na fila para pegar um doce, uma desconhecida falou para minha filha: “você pode comer porque é magrinha”. Ela tem 5 anos e já ouviu que só pode comer doce quem é magro! Agora, quando ouvirem sugestões de “regime” ou “plástica”, terão uma bagagem para avaliar se essas palavras estão sendo usadas para oprimir. Perceberam como estão intimamente

ligadas aos termos “baleia”, “balofa”, “saco de areia” – essas palavras eles conheciam e sabiam que eram usados para magoar os outros.

Durante a leitura, tentamos lembrar quantos atores e atrizes “fofinhos” já vimos, pensamos sobre que tipo de papel eles recebem. Os dois perceberam que o papel principal fica sempre com o ator forte e a atriz magra. Depois, discutimos se esse padrão de desvalorização das pessoas gordas também está presente no nosso dia a dia.

Além da questão central, o livro traz outras situações do cotidiano que rendem boas conversas: mudança de cidade, escola nova, autoestima, a vergonha de contar algumas coisas aos adultos, o *bullying* de forma mais geral – e como reagir a ele. Por aqui, um ponto absolutamente secundário chamou a atenção: a tia *preferida*. Meu filho disse que gosta de todas as tias igualmente, ficou indignado por Laís ter uma preferida. Como sempre, a leitura mexe com as crianças de maneiras imprevisíveis.

Das ilustrações, a que mostra Laís em uma tela de cinema foi a que causou maior impacto. A imagem sintetiza o sucesso da Laís, mas também mostra Ingrid e Camila, as duas colegas de classe que a hostilizavam, assistindo felizes ao filme. Meus filhos logo perceberam aquilo como o indício de que as brigas podiam ser superadas. O peso de perseguir um padrão estético único não oprimia apenas Laís, mas também as outras meninas. O aprendizado foi para todos.

Um pouco sobre o autor

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos, SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.

É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.

Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *Meus dois pais*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Asas do Joel*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quando meu irmãozinho nasceu*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Carolina*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O selvagem*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Somos iguais mesmo sendo diferentes!*, de Marcos Ribeiro. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Não estou feliz! Um livro sobre a tristeza*, de Sue Graves. São Paulo: Moderna.
- ✦ *A força da vida*, de Giselda Laporta Nicoletis. São Paulo: Moderna.
- ✦ *De cara com o espelho*, de Leonor Corrêa. São Paulo: Moderna.

 MODERNA

